

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0695-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.952222211 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E PRÁTICAS SOCIAIS 2**, coletânea de dezessete capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas análises literárias, contos, romances, poesias, memórias, ensino, música, fonética e fonologia, representações discursivas, língua materna, língua espanhola, ensino virtual, pandemia, artes, TIC's, cultura e currículo.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

CAPÍTULO 1	1
“O VELHO E OS TRÊS MENINOS”, DE EUCLIDES NETO – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222111	
CAPÍTULO 2	10
A CEIA DERRADEIRA: O BEIJO DE JUDAS E A MELANCÓLICA SEPARAÇÃO DA CARNE	
Ester da Silva Albuquerque	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222112	
CAPÍTULO 3	17
A RELIGIOSIDADE NO ROMANCE PERDIÇÃO DE, LUIZ VILELA	
Elcione Ferreira Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222113	
CAPÍTULO 4	28
A PROPÓSITO DE MACHADO DE SILVIANO SANTIAGO	
Lúcia Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222114	
CAPÍTULO 5	38
O CONTEMPORÂNEO NA PERSPECTIVA DO (DA) MOTIVO + AÇÃO, NO CONTO PASSEIO NOTURNO PARTE II DE RUBEM FONSECA	
Ana Patrícia Sampaio Pereira	
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222115	
CAPÍTULO 6	48
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO “ARAMIDES FLORENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Savana de Queirós Santiago	
Eldio Pinto da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222116	
CAPÍTULO 7	62
MEMÓRIAS PESSOAIS: A TRAJETÓRIA DE UMA PROCOPENSE DE SUCESSO	
Marilu Martens de Oliveira	
Inês Cardin Bressan	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222117	
CAPÍTULO 8	66
DES(CONSTRUIR) OS EMARANHADOS DA TEIA POÉTICA: O ENSINO DA	

POESIA ORIDEANA NO AMBIENTE ESCOLAR

Jaqueline de Carvalho Valverde Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222118>**CAPÍTULO 9 74**ENUNCIÇÃO EM AÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CATEGORIAS DE PESSOA, TEMPO E ESPAÇO NA CANÇÃO *NÃO TENHO MEDO DA MORTE*, DE GILBERTO GIL

Noemi Marques de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222119>**CAPÍTULO 10..... 79**

A RABECA DE MESTRE ZEZINHO NA MÚSICA PARAIBANA

Agostinho Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221110>**CAPÍTULO 11 93**CENÁRIO PÓS-MODERNO, MUSICOLOGIA E NOVOS OBJETOS DE ESTUDO: REFLEXÕES A PARTIR DA ABORDAGEM DE *SAMBA MAKOSSA* DE CHICO SCIENCE E *VÓ IMBOLÁ* DE ZECA BALEIRO

Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira

Magda de Miranda Clímaco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221111>**CAPÍTULO 12..... 104**

CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FLUÊNCIA LEITORA

Alneci do Rego Montero Morales

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221112>**CAPÍTULO 13..... 117**

DISCURSO DO DIA 24 DE MARÇO DE 2020 SOBRE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL E AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS CONSTRUÍDAS DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO

Neire Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221113>**CAPÍTULO 14..... 128**

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NO BRASIL

Silvana Maria Aranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221114>**CAPÍTULO 15..... 137**

ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA, COM ÊNFASE NA COMPETÊNCIA

COMUNICATIVA, EM FORMATO VIRTUAL, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Maria Auxiliadora de Jesus Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221115>

CAPÍTULO 16..... 154

O TOM DO BEM: O USO DAS ARTES E DAS TICS NA PROMOÇÃO DA CULTURA DA PAZ NA ESCOLA MARIA NOSÍDIA

Marinês Juliana Carvalho Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221116>

CAPÍTULO 17..... 169

A APLICABILIDADE DA IMPLEMENTAÇÃO DO REFERENCIAL CURRICULAR DE RONDONIA COMPONENTE EDUCAÇÃO FÍSICA - EM TEMPOS DE PANDEMIA

Cleidimara Alves

Alan Raniere

Edilene Jesus de Araújo

Marcio Rodrigues Fagundes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221117>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 173

ÍNDICE REMISSIVO..... 174

“O VELHO E OS TRÊS MENINOS”, DE EUCLIDES NETO – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Data de submissão: 17/10/2022

Data de aceite: 01/11/2022

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo

Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Jequié/Ba

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador/Ba
<https://lattes.cnpq.br/2124695641938329>

“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.”
(CABRAL DE MELO NETO, 2008)

RESUMO: O texto analisa o conto “O velho e os três meninos”, do escritor baiano Euclides José Teixeira Neto (1925-2000). A narrativa está dividida em duas partes. Na primeira, são reveladas a precariedade,

a vulnerabilidade e os enquadramentos sociais, sofridos por famílias de trabalhadores agrícolas, especialmente as crianças, após os pais serem demitidos das fazendas de cacau, Sul da Bahia, segunda metade do século 20. Neste período, os latifúndios do cacau sofrem o impacto da vassoura-de-bruxa e da seca. Na segunda, ao relatar um caso específico entre um aposentado e três meninos, o narrador ironicamente questiona os enquadramentos sofridos pelas crianças. A proposta de análise, toma como fio condutor as considerações de Judith Butler (2016), quando reflete sobre o impacto de molduras ou enquadramentos sociais impostos aos mais vulneráveis socialmente. Acrescenta-se a perspectiva desenvolvida por Didi-Huberman (2011) ao refletir sobre a luz frágil, tênue e pulsante dos vaga-lumes. A análise de ambas as partes do conto é construída a partir dos estudos de Giorgio Agamben (2008, 2007, 2015) ao abordar a condição animal do homem, cuja potência impulsiona à vida, apesar das relações traçadas de domínio e submissão entre os homens, denunciando a precariedade da vida e estados de exceção. Pál Pelbart (2016) traz para a reflexão a importância da retomada da afetibilidade, o que possibilita uma melhor compreensão das ações do

“velho”, sujeito afetado, em relação aos “três meninos”.

PALAVRAS-CHAVE: Vida precária; Enquadramentos sociais; Afectibilidade.

ABSTRACT: The text analyzes the short story “O Velho e os Três Meninos – The old man and three boys”, by Euclides José Teixeira Neto (1925-2000), a writer from Bahia, Brazil. The narrative is divided into two parts. The first reveals the precariousness, vulnerability and social conditions in which agricultural workers’ families, especially children, lived when fired from cocoa farms in Southern Bahia impacted by witches’ broom and drought, in the second half of the 20th century. In the second, when reporting a specific situation involving a retired old man and three boys, the narrator ironically questions the framing suffered by the children. The analysis proposal takes Judith Butler’s (2016) considerations as a guideline, when she reflects on the impact of social frames or framings imposed on the most socially vulnerable. Added to the perspective developed by Didi-Huberman (2011) when reflecting on the fragile, tenuous and pulsating firefly light. The analysis of both parts of the short story is built from the studies of Giorgio Agamben (2008, 2007, 2015) when approaching the animal condition of man, whose power drives to life, despite the dynamics of domination and submission traced between men, denouncing the precariousness of life and states of exception. Pál Pelbart (2016) brings to reflection the importance of resuming affection, which allows a better understanding of the “old man’s” actions, affected subject, in relation to the “three boys”.

KEYWORDS: Precarious life; Social frameworks; Affection.

O presente discurso de João Cabral de Melo Neto sugere, no excerto em epígrafe, um aspecto a ser destacado: a referência textual “galos” desperta uma rede de relações; ou seja, a de que se necessita de outros para ecoar a potência de conviver e agir. O bicho humano carece viver junto, apesar de idioritmias próprias, para lembrar Roland Barthes (2003). Como muitos outros animais, o animal humano pouco se arvora a viver só. Na narrativa curta “O velho e os três meninos” (EUCLIDES NETO, 2013), objeto desse estudo, crianças se juntam para viver, formando uma rede de resistência, entretanto, ganham outras conotações na narrativa, como revela a análise, ainda insipiente do conto. Há também um “velho”, que vive só e tem medo.

O conto é dividido em duas partes ou momentos. Para analisar a primeira parte, toma-se como fio condutor as considerações de Judith Butler (2016) em “Vida precária, vida passível de luto”; e na segunda, acrescenta-se a perspectiva desenvolvida em “Sobrevivência dos vaga-lumes” de Didi-Huberman (2011). Em ambas as partes, a análise temática vem construída a partir dos estudos de Giorgio Agamben ao abordar a condição animal do homem, cuja potência impulsiona à vida, apesar das relações traçadas de domínio e submissão do homem pelo homem, denunciando a condição de morte em vida e da “vida indigna de ser vivida” (AGAMBEN, 2007, p.144), lembrando que estados de exceção não se encontram distantes, grafados apenas nas páginas da história e dos (tele) jornais. O poder soberano e o biopoder, de que trata Agamben (2007), parecem interagir na narrativa em questão, atuando contra a vida de sem terras, representados no conto por

três meninos.

No primeiro momento do texto “O velho e os três meninos” é descrito o ambiente da seca que assola as fazendas de cacau, inserindo o(a) leitor (a) na paisagem desoladora, iniciada pela vassoura-de-bruxa (*Crinipellis perniciososa*), que atingiu os cacauais e marcaram a vida econômica do Sul da Bahia na segunda metade/final do século 20. Somado a esta paisagem, a narrativa apresenta o impacto da seca e demissões de trabalhadores agrícolas, que – expulsos das propriedades rurais – são impelidos para as cidades próximas em busca de vida, ou melhor, de sobrevivida. Entretanto, nas cidades são considerados invasores e marginais:

Famílias inteiras nas estradas, nas pontas de rua, nos casebres improvisados com o que achavam nos monturos.

[...] Daí, as levas de gente se batendo, velhos, doentes, zanzando como um lixo, tangidos pelos ventos da miséria. Na roça ainda encontravam uma tambora de aipim, uma jaca, frutas do mato. Na cidade era a fome parda e suja. Famílias que traziam dúzias de meninos. As femezinhas nem se perdiam mais. Não achavam quem as quisesse naquela magreza de esqueleto, seios de tábuas. Não prestavam pra nada.

Os pequenos ganharam as praças. Ratazanas a farejar e pedir nas casas, olhos afundados na necessidade. Aqui um resto, ali uma fruta passada, acolá qualquer coisa que topavam pelo chão. (EUCLIDES NETO, 2013, p.120-121)

Famílias “zanzando”, seres humanos “tangidos”, “ratazanas a farejar” remetem à condição inumana em estado de exceção; bem como sobreviventes e “vidas nuas”. “Zanzar” direciona não saber para onde ir, vagar sem rumo, como animais sem toca. O termo “tangidos”, associa-se à condição de animais em rebanhos, aparentemente passivos, que precisam de outros para lhes indicar a direção a tomar, posto que suas consciências, se é que as tem, não lhes permitem vislumbrar o caminho a seguir. Sair sem rumo movidos pela miséria, sinônimo da fome, é a condição que marca a vida dessas famílias como “vidas nuas”, “vida sem valor” (AGAMBEN, 2007, p. 145), vez não mais trabalharem para produzir bens alheios e/ou servir-lhes sexualmente.

Os corpos descartáveis das famílias retratadas no conto, “levas de gente se batendo, velhos, doentes”, lembram, guardadas as devidas proporções, aos corpos dos judeus, chamados de mulçumanos, cuja denominação de “multidão anônima”, de “não-homens” e “mortos vivos” era recorrente nos campos de extermínios em Auschwitz (AGAMBEN, 2008, p.52). A diferença é que na narrativa em estudo a reação se encontra nas crianças, potência de vida a desafiar os soberanos e, por isso, tomadas por “epidemia destruidora” (EUCLIDES NETO, 2013, p. 121), como ver-se-á a seguir. Pelbart assinala: “o biopoder contemporâneo, contudo, segundo a singular interpretação de Agamben, já não se incumbem de fazer viver, nem de fazer morrer, mas de fazer *sobreviver*. Ele cria *sobreviventes*. E produz a *sobrevida*” (PELBART, 2016, p. 26, grifos do autor).

A precariedade das condições de vida dessas famílias é o retrato da sobrevivida,

acentuada quando a sociedade percebe sua fragilidade, o que corrobora com Butler ao assinalar que “a apreensão da precariedade” conduz “a uma potencialização da violência” (BUTLER, 2016, p. 15). E é justamente o que se constata no conto em relação aos trabalhadores desempregados e respectivas famílias, cuja maioria é formada por crianças, símbolo maior de vulnerabilidade. Percebê-las frágeis e desamparadas pelo Estado e pelas próprias famílias, torna-as alvo fácil de adultos aproveitadores, que “instruíam os meninos a roubar” (EUCLIDES NETO, 2013, p.121). A “percepção da vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas” “incita o desejo de destruí-las” (BUTLER, 2016, p. 15) e esse desejo é o que move o Estado e moradores da cidade.

Pode-se constatar a potencialização da violência em relação às crianças através dos enquadramentos animais a que são submetidas: “Femeazinhas”, “ratazanas”, “calunguinhas”, “crianças ladinas”, “pivetes”, “calungas”, “pragas invasoras”, “meninos de rua”, “ladrões”, “moleques”, “aquela raia”, “camundongos”, “invasores perigosos”, “ratos”, “delinquentes mirins” (EUCLIDES NETO, 2013, p.121).

As crianças são vistas como animais/pragas urbanas (como ratos ou camundongos – para associá-las a ladrões e invasores), e como moleques e pivetes, em alusão à faixa etária, além de atitudes “delinquentes”. Em referência aos abusos sexuais, as meninas são chamadas de “femeazinhas”, que de tão magras não “prestavam pra nada” (EUCLIDES NETO, op. cit., p.121), em outras palavras, para serem abusadas sexualmente. A condição de serem fêmeas remete ao corpo animal feminino, biologicamente usado para cópula e reprodução, ou seja, descartável; mero objeto de gozo, entretanto paradoxalmente desprezível.

Os “enquadramentos”, segundo Butler, “atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos” (BUTLER, 2016, p.17); e, certamente, a vida dos desempregados, principalmente de filhos e filhas menores, magros e sem forças, não tinha valor, vez não gerarem riquezas no campo nem na cidade, por isso vistos como seres apartados do convívio social. Deste modo, em estado de precariedade, “o corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente” (BUTLER, op. cit., p.16). Assim, em “O velho e os três meninos” as forças vêm dispostas em detrimento das crianças animalizadas e/ou desumanizadas. O Estado, representado por policiais, delegado e justiça, além do corpo da sociedade civil organizada, unem-se contra elas. Para Butler, “elas (as populações expostas à violência) recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas” (BUTLER, 2016, p.47). Em relação a atuação dessas forças, a voz do narrador enuncia:

lam presos, soltos, encarcerados novamente. Se Herodes fosse o delegado, talvez não houvesse tanto sangue derramado dos pivetes. Era a única maneira de vencer a praga invasora, dominando a cidade – calungas que se reproduziam aos milhares e, quanto mais eram eliminados, mais apareciam das profundezas.

A polícia, vencida. A justiça não tinha como deter a onda. Epidemia destruidora. (EUCLIDES NETO, 2013, p. 121)

Destaca-se alusão ao texto bíblico, no qual crianças são assassinadas a mando do rei Herodes, que visava matar o futuro rei de Israel, quando do nascimento de Jesus (BÍBLIA SAGRADA. 1995. Mt 2, 13–20, p. 1286).

Perseguidas, no conto, as crianças são presas, torturadas e assassinadas com a anuência do poder constituído: polícia e poder judiciário. Por devido turno, a sociedade civil representada pela “associação de cidadãos”, assume a incumbência de, alhures, caça-las:

Organizou-se uma associação de cidadãos encarregados de apanhar os delinquentes mirins e levá-los à delegacia, já entupida deles. Muito ciosos de seus deveres de patriotas, agiam com energia e eficiência. A seca enchia os homens de ódio (todo ódio é aliviado em alguém, quando não se pode vingar do causador), e o descarregavam nos meninos de rua.

Faziam armadilhas. Deixavam comida ou algum objeto de valor à vista deles. Claro que os olhos gulosos dos abandonados logo davam fé. Paravam, conferiam se havia alguém por perto. Nem viva! Pulavam o muro ou grade. Quando iam tocando na isca, mãos invisíveis os apanhavam pela goela e eram esbofeteados. (EUCLIDES NETO, 2013, p. 122)

Esses “delinquentes mirins”, vistos como “camundongos” e para os quais são feitas “armadilhas” e preparadas “iscas”, reporta-nos à fábula de Kafka: “Você só precisa mudar de direção¹”. Nela, o rato encontra-se encurralado, sem saída entre a ratoeira e o gato, por quem é devorado. No conto de Euclides Neto, as crianças estão encurraladas entre a fome e os “cidadãos”, que as caçam como animais. Em contrapartida os meninos buscam viver, impõem resistência. Deste modo, vistos por “as pragas invasoras” ocupando espaços a eles não pertencentes.

Além dos “cidadãos”, o conto ressalta a atitude de religiosos – “freiras, padres, espíritas e outros de boa vontade” –; no empreendimento de salvaguardá-las. Entretanto, de certo modo, também acabam por tipificá-las entre as salváveis e as que não têm salvação. Estas, pois a “maioria estava perdida”, eram simplesmente silenciadas sem direito a luto sequer. Assim, para o Estado, o apagamento sistemático se presta como solução contra “pragas”.

Agamben destaca que, segundo Binding, para saber quais vidas merecem continuar vivendo e quais não, é necessário identificar as “vidas humanas que perderam a tal ponto a qualidade de bem jurídico, que a continuidade, tanto para o portador da vida quanto para a sociedade, perdeu permanentemente todo o valor” (AGAMBEN, 2007, p. 144).

E acrescenta:

Mais interessante, em nossa perspectiva, é o fato de que à soberania do homem vivente sobre a sua vida corresponda imediatamente a fixação de um limiar além do qual a vida cessa de ter valor jurídico e pode, portanto, ser morta sem que se cometa homicídio. A nova categoria jurídica de “vida sem

¹ <https://www.portalraizes.com/fabula-kafka/>

valor” (ou “indigna de ser vivida”) corresponde ponto por ponto, ainda que em uma direção pelo menos aparentemente diversa, à vida nua do *homo sacer* e é suscetível de ser estendida bem além dos limites imaginados por Binding. (AGAMBEN, 2007, p. 146)

A “vida sem valor” na cidade depende do que Butler denomina de uma “rede social de ajuda” (BUTLER, 2016, p. 32). Entretanto, no caso em estudo, como filha(o)s de agricultores desprovidos de bens além da própria sobrevivência, trabalhadores demitidos das fazendas falidas, tais vidas perdem o respectivo valor humano. Portanto, a rede social que se forma em torno delas as direcionam ao extermínio. A afirmação de Butler “nós não nascemos primeiro e em seguida nos tornamos precários; a precariedade é coincidente com o próprio nascimento” (BUTLER, op. cit., p. 32) corrobora com a narrativa de Euclides Neto, ao trazer à tona a vida de quem nasce sem terra nas áreas rurais brasileiras, mas não somente.

Diverso é nascer filho de fazendeiro cacauicultor da Bahia entre os séculos XIX e XX. Nos tempos áureos do cacau, os jovens herdeiros iam estudar em alguma capital no Brasil ou até mesmo no exterior, isso os que se dignavam a estudar, posto que como filhos de cacauicultores não viam necessidade de ter uma profissão, o “fruto de ouro”, regado pelo sangue de trabalhadores agrícolas, era o grande provedor, a garantia de fortuna eterna. Entretanto, com a decadência da produção cacaueteira, chegou para estes a falência e com ela as dívidas, suicídios e assassinatos.

A propósito, destaca-se na narrativa breve passagem de assassinato do filho de um latifundiário, por vingança de um cigano que o pai devia. Portanto, a vida de quem perdeu dinheiro e poder deixa também de ser digna de ser vivida e o assassinato de filhos de fazendeiros falidos e endividados são uma forma de pagamento, senão em dinheiro, com a vida dos descendentes. A perda dos bens materiais leva também à perda de poder; e, conseqüentemente, a banalização da vida passa a ser atividade generalizada.

No conto, dinheiro e poder vinham das fazendas que produziam e exportavam o cacau, o “fruto de ouro”. Falidos, muitos fazendeiros exerciam o poder contra a própria vida, optando pelo suicídio como fuga da nova realidade apresentada com a falência, obrigando-os a fazerem dívidas nos bancos. O pensamento de Agamben aplica-se, no caso, aos fazendeiros suicidas; soberanos de si por exercerem-na sobre a própria existência (AGAMBEN, 2007, p. 143).

Na segunda parte da narrativa, entretanto, ao relatar um caso específico: a invasão da casa de um velho aposentado por três meninos, o narrador parece desejar ironicamente desfazer os enquadramentos sofridos pelas crianças/ “ratazanas”, “animais invasores”, dispondo sob suspeita todas as ações covardes empreendidas pelas autoridades e sociedade civil contra os menores enquadrados como ladrões e assassinos. Intensifica, nessa fase a potência das crianças, revelada pela “presença do que falta no ato” (AGAMBEN, 2015, p. 245).

Para Agamben, “ter uma potência, ter uma faculdade significa: ter uma privação” (AGAMBEN, op. cit., p. 245). As crianças eram privadas de abrigo, alimentação, proteção familiar, do Estado e da sociedade, ao mesmo tempo que vistas como ladras e invasoras. Inicialmente, ao ver que os meninos quebram a vidraça da porta, o velho também lhes prepara uma armadilha, seguindo a ordem natural dos acontecimentos. Abre-lhes a porta, sorratamente, afim de – devidamente armado – surpreendê-los incontinentemente. Assim procedendo, mas sem atirar ou aparecer para as crianças, o velho se esconde e mantém-se armado durante o período em que os meninos permanecem na residência. A armadilha, o medo e a posse do revólver são resultados dos enquadramentos sofridos anteriormente pelos menores de idade: “O advogado, em passos de gato ancião, subiu as escadas, revólver em punho. Os invasores, perigosos. Comentava-se que os assassinos do velho trabalhador aposentado eram exatamente três pivetes” (EUCLIDES NETO, 2013, p. 124).

Em relação à experiência de medo, Butler alerta: “Se alguém é incriminado, enquadrado, em torno de sua ação é constituído um “enquadramento”, de modo que o seu estatuto de culpado torna-se a conclusão inevitável do espectador” (BUTLER, 2016, p. 23). Assim, como se abstrai do pensamento de Butler, as personagens são antecipadamente julgadas, “sem provas válidas e sem meio obvio de retificação” (BUTLER, op. cit., p. 27). Entretanto, ao não atirar imediatamente e preferir observá-las de perto, o velho põe sob suspeita a moldura na qual as crianças foram enquadradas, e revela “que ela nunca conteve de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro possível, reconhecível” (BUTLER, op. cit., p. 24).

A invasão dos meninos à casa provoca inicialmente o medo e a necessidade de proteção armada; entretanto, possibilita a observação das ações das crianças e, conseqüentemente, a quebra do enquadramento a que foram submetidas. O velho pôde constatar que nada furtaram além de doces e outras iguarias, assistiram televisão e deitaram em camas de lençóis alvos. A busca por alimento revela a potência animal na luta pela vida, na realização de desejos/necessidades vitais: comer, viver, descansar, abrigar-se. Ao buscarem juntas a concretização de tais carências, ampliam a possibilidade de resistência.

O velho reconhece nos meninos o comportamento esperado para uma criança/potência animal em estado bruto, concentrado, dando-lhes um novo enquadramento, talvez mais apropriado: a “inocência” ou a potência própria que, como sementes, trazem a energia da vida concentrada. A partir desse enquadramento, surgem novas representações: não mais “invasores”, “ratazanas”, mas sim como “visitas”, “hóspedes”, elevadas à condição de animal humano. E, por fim, pelas marcas deixadas nos “lençóis alvos de linho”, ali as reconhecem como “sudários da fome”. Ao distanciá-las da condição de animalidade, as humaniza, e lhes imprime sentido diáfano.

O desfecho permite tirar algumas conclusões. Em princípio, pensando na qualidade do diverso olhar do velho para as crianças, vem ao sentido passagem de Didi-Huberman:

“A dança dos vaga-lumes se efetua justamente nas trevas” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 55); na narrativa em tela simbolizadas pelos naturais enquadramentos de exclusão a elas destinadas. Por seu turno, os personagens – velho e crianças – representam a “luz pulsante, passageira, frágil” (DIDI-HUBERMAN, op. cit., p. 46) sobre a qual Didi-Huberman, de modo figurativo, discorre ao se valer da referência “vaga-lumes”, pois “desaparecem apenas na medida em que o espectador renuncia segui-los” (DIDI-HUBERMAN, op. cit., p. 47). Ao optar por enxergar a inocência/potência daquelas vidas em formação, o “velho” passa a representar essa luz, capaz de reconhecê-las, ao menos, como passíveis de luto, semelhante à do Cristo crucificado, cuja marcas da violência ficaram também impregnadas no santo sudário.

Por fim, é necessário os suportes básicos para a manutenção da vida (BUTLER, 2016, p.41), para que ela seja “passível de luto”, as crianças do conto encontraram alguns destes suportes na casa do “velho”: alimentação, abrigo, proteção, além da possibilidade de voltarem a sonhar. Para Butler, estes suportes “são, ao mesmo tempo, nossa responsabilidade política e a matéria de nossas decisões éticas mais árduas” (BUTLER, op. cit. p.43). O conto em tela de Euclides Neto representa o resultado destas decisões:

A fisionomias dos meninos – envelhecidas pelo desespero – estavam tranquilas. Voltaram a ser crianças. Dormiam como os inocentes dormem. Talvez até sonhassem com uma casinha, comida, uma cama e o colo da mãe. Com certeza, sonhavam.

O velho começou a chorar. (EUCLIDES NETO, 2013, p. 124)

A condição de “sujeito afetado” demonstrada pelo “velho”, em relação à sobrevivência dos meninos, remete a Peter Pelbart ao referendar (lembrando Nietzsche e Deleuze, a partir dos estudos de Barbara Stiegler) ser “preciso retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e capaz de ser afetado por elas” (PELBART, 2016, p. 32).

No texto literário, portanto, permanece a potência dessas personagens: um grito que busca outras vozes, como os lampejos intermitentes dos vaga-lumes ou como o galo que o lança para outro além; e por isto mesmo, a cada um de nós.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I**. 2. ed. 2. Reimpressão. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 243-254.

BARTHES, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Fuga para o Egito: Massacre dos inocentes. 99. ed. Tradução dos originais: Monges de Maredsous (Bélgica) Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria; Edição Claretiana, 1995. Mt 2, 13–20, p. 1286.

BUTLER, Judith. Vida precária, vida passível de luto. In: _____. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto? 2. ed. Tradução: Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p.13-55.

CABRAL DE MELO NETO, João. Um galo sozinho não tece uma manhã. In: _____. **A Educação pela Pedra**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivências. Imagens. In: _____. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex e revisão de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.45-65; 133-160.

EUCLIDES NETO. O velho e os três meninos. In: _____. **O tempo é chegado**. 2.ed. rev. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações Ltda, 2013. p. 120-124.

PELBART, Peter Pál. Vida besta, vida nua, uma vida [Agamben]. In: _____. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. 2. ed. São Paulo: n–1 edições, 2016, p. 25-36.

A

Análise 1, 2, 10, 12, 24, 31, 35, 38, 39, 48, 50, 51, 52, 60, 74, 83, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 135

Artes 89, 136, 139, 154, 155, 156

C

Contos 16, 18, 41, 42, 49, 50, 59, 113

Cultura 1, 31, 36, 39, 43, 56, 62, 63, 80, 82, 84, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 99, 101, 109, 132, 134, 146, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 166, 167, 173

Currículo 115, 141, 155

D

Descrição 11, 42, 58, 106, 120, 164

E

Ensino 62, 66, 68, 73, 89, 91, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 115, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 148, 150, 152, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 163, 164, 167, 170, 173

Ensino virtual 152

F

Fonética 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 115, 116

Fonologia 104, 105, 106, 108, 113, 115, 116

L

Letras 16, 17, 26, 37, 47, 61, 65, 66, 73, 90, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 117, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 147, 152, 154, 173

Língua Espanhola 137, 138, 140, 141, 146, 147, 149, 151

Língua materna 115, 128, 129, 130, 132

Linguística 28, 29, 71, 72, 74, 78, 104, 107, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 127, 128, 129, 131, 132, 135, 143, 173

M

Memórias 62, 63, 64, 65

Música 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 139, 155, 160, 164

P

Pandemia 117, 118, 119, 126, 137, 138, 139, 140, 142, 145, 148, 150, 151, 152,

153, 169, 170

Poesias 132

R

Representações discursivas 117, 118, 119, 123, 126, 127

Romances 18, 28, 32, 36, 41

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022

